

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIA ELIZANGELA DOS SANTOS LIMA

**A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES ATUANTES NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE PARNAÍBA-PI, ACERCA DA DISLEXIA**

PARNAÍBA
2010

MARIA ELIZANGELA DOS SANTOS LIMA

**A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES ATUANTES NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE PARNAÍBA-PI, ACERCA DA DISLEXIA**

Monografia apresentada ao programa de Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Mestra Solange Aparecida de Campos Costa.

PARNAÍBA
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

L732c Lima, Maria Elizangela dos Santos

A Compreensão dos professores atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Parnaíba-PI acerca da dislexia / Maria Elizangela dos Santos Lima. – Parnaíba, 2010.

59 f.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientadora: Prof. Msc. Solange Aparecida de Campos Costa

1. Dificuldades de Aprendizagem. 2. Dislexia. 3. Parnaíba – Escolas. I. Título.

CDD – 371.911

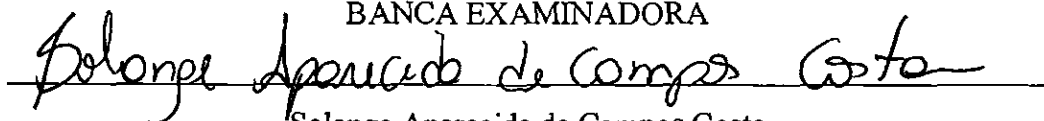
MARIA ELIZANGELA DOS SANTOS LIMA

**A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES ATUANTES NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO
DE PARNAÍBA-PI, ACERCA DA DISLEXIA**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
como pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

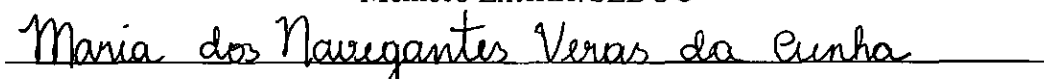


Solange Aparecida de Campos Costa

Orientadora/UESPI

Ana Paula Freitas da Cunha

Membro Externo/SEDUC



Maria dos Navegantes Veras da Cunha

Membro Interno/UESPI

Dedico todo esse esforço a minha família em especial a minha mãe e a minhas irmãs e irmãos e em particular ao Dr. Evandro Junior pelo incentivo e apoio que foram imprescindíveis e, para todas as pessoas que estiveram comigo durante toda a caminhada e contribuíram para minha formação.

Agradeço sobretudo a Deus, incentivador espiritual que me deu paz e sabedoria. A minha família que me deu força e incentivo e que esteve ao meu lado em todos os momentos, alegres e difíceis e também a todos os meus colegas que direta e indiretamente contribuíram na realização deste trabalho. A todos os professores com quem pude contar, compartilhar conhecimentos relevantes a minha formação, em especial, a professora Solange Aparecida de Campos Costa, que esteve ativamente presente na reconstrução e desenvolvimento desse trabalho, pois só tenho a agradecer por sua dedicação, paciência e disponibilidade imediata em ajudar, afinal suas intervenções precisas e norteadoras foram primordiais na concretização do mesmo.

“Hoje em dia, uma sociedade de e para a inteligência pode ser consciente e humanamente planejada. Isso não é uma teoria; é uma realidade que transforma... De posse de mentes mais desenvolvidas, as pessoas serão capazes de encontrar dentro de si os elementos para construir uma nova sociedade”

Luis Machado

RESUMO

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem que interfere na decodificação das palavras que são relacionadas às áreas da leitura e escrita. A dislexia é persistente, portanto é um dos distúrbios de maior incidência em sala de aula. Diante deste dilema e dos supostos desafios de alguns educadores que desconhecem a necessidade de buscarem novos conhecimentos a respeito do assunto em foco, este trabalho percebeu a necessidade de tratar da discussão sobre como lidar com as dificuldades apresentadas por alunos disléxicos ou com possíveis sintomas de dislexia no meio educacional. Com base no que foi exposto acima, propôs então, realizar uma análise da compreensão dos educadores sobre dislexia, na rede municipal de ensino de 1º ao 5º ano, na cidade de Parnaíba-PI; abrindo assim uma discussão reflexiva sobre a importância de conhecer os fundamentos teóricos sobre a dislexia e como os educadores percebem esse distúrbio em seu cotidiano. O trabalho pretende desse modo, contribuir para a propagação de informações coerentes a respeito da dislexia, relacionando a pesquisa bibliográfica à de campo, e proporcionando assim, um novo viés: a discussão sobre o distúrbio que tanto afeta a vida e a educação das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia, aprendizagem, educadores, aluno.

ABSTRACT

Dyslexia is a riot of learning that interferes with the decoding of the words that are related the areas of reading and writing. Dyslexia is persistent therefore is one of the largest disturbance in the classroom. Facing this dilemma and challenging some assumptions of educators who are unaware about the necessity to learn new knowledge on the subject working, this paper has realized the necessity to learn new knowledge on the subject working, this paper has realized the necessity of the discussion about the difficulties presented by dyslexics students or students who presented dyslexia educational symptoms. Based on the foregoing proposal then perform an analysis of educators understanding about dyslexia in the municipal education of 1 to 5 years in the city of Parnaíba – Pi, opening up reflective discussion on the importance of knowing the theoretical foundations on dyslexia in their daily lives. This work contributes to consistent training about dyslexia, relating to the bibliographic research field, and proposing: a discussion about disturbance that affects both the life and education of people.

KEYWORDS: Dyslexia, learning, educators, students

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPITULO I – INVESTIGANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	16
1.1. A Pesquisa Qualitativa.....	16
1.2 As colaboradoras da pesquisa.....	16
1.3 Contextos Empíricos.....	17
1.4 Questionário.....	18
1.5 Categorias de Análise.....	18
CAPÍTULO II – CONHECENDO A DISLEXIA.....	20
2.1 A Definição da Dislexia.....	20
2.1.1 Dislexia de Desenvolvimento.....	26
2.1.2 Dislexia Adquirida.....	27
2.2 Históricos da Dislexia.....	28
2.3 A Dislexia e a Aprendizagem.....	32
2.4 Tipos de dislexia.....	36
2.4.1 Disfonética.....	36
2.4.2 Diseidéticas:.....	36
2.5 O papel da família e do educador, diante do indivíduo disléxico.....	37
2.6 A contribuição de pesquisador e seus métodos no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do indivíduo.....	37
2.7 Dicas para o educador aplicar em sala de aula com alunos disléxicos ou com possíveis da dislexia.....	41
CAPÍTULO III -- OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA INVESTIGAÇÃO.....	44
3.1 Entendimento da dislexia.....	
3.2 O interesse em conhecer e aprofundar mais sobre a dislexia.....	45
3.3 As maiores dificuldades encontradas no desempenho da prática docente, com	

alunos com dislexia.....	47
3.4 Professores que tiveram experiência com criança com possíveis sintomas de dislexia.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	55

INTRODUÇÃO

A prática educacional é permeada por vários desafios, que envolvem problemas no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos. Portanto, será enfatizado um dos principais problemas que é bastante presente no cotidiano escolar: os distúrbios de aprendizagem especificamente a dislexia, sendo considerada como uma dificuldade comum, porém pouco discutida entre os educadores, pois, na maioria das vezes não é percebida em sala de aula, por se tratar de um assunto complexo no que diz respeito a sua definição, e origem e, principalmente, quanto ao seu diagnóstico, já que este só poderá ser comprovado através de uma avaliação feita por uma equipe multidisciplinar (psicólogos, psicopedagogos, pedagogos, neurologista dentre outros). A dislexia está relacionada à linguagem, causando assim transtornos quanto à aquisição da leitura e escrita e que requer uma atenção detalhada e cuidadosa, não somente por parte dos familiares, mas também pelos próprios educadores, já que muitos dos seus sintomas são detectados principalmente no processo de alfabetização do indivíduo.

De acordo com os dados da Associação Brasileira de Dislexia (ABD), estima-se que cerca de 15% da população brasileira é disléxica. Os disléxicos apresentam dificuldades extremas em ler e escrever, resultando em prejuízos no desempenho escolar, social e profissional. No entanto é importante enfatizar que a dislexia tem origem neurológica e genética, decorrência de falhas nas conexões cerebrais, e não tem cura, mas há tratamento. É importante enfatizar que não se trata de uma doença, mas de uma dificuldade de aprendizagem específica que está ligada ao processo de decodificação das palavras, no qual o disléxico não consegue processar as informações de forma natural, impedindo-o de distinguir fonemas de sílabas.

Entretanto é possível ativar lentamente as áreas responsáveis pela identificação e significação das letras, fazendo com que o processo da leitura ocorra vagarosamente, demandando grande esforço, pois a criança disléxica tem dificuldade em compreender palavras isoladas, mas facilidade em compreender palavras contextualizadas. Explica-se assim os casos de pessoas com esse distúrbio terem um nível intelectual elevado. Mas mesmo sendo inteligentes, não conseguem ler e escrever com fluência e quando criança, se não passarem por um diagnóstico precoce, acabam se sentindo desmotivadas e muitas desistem de ir a escola por não conseguirem aprender os mecanismo da leitura e da escrita.

Os estudos sobre a dislexia iniciaram há bastante tempo, no entanto, a cada dia

surgem novas propostas inovadoras e valiosas à respeito de sua definição e de como podem ser trabalhadas essas dificuldade em sala de aula. Esses estudos trazem também informações esclarecedoras e precisas que auxiliam familiares, educadores e demais profissionais que direta e indiretamente lidam com pessoas disléxicas ou com possíveis sintomas de dislexia. Desse modo percebe-se que não basta conhecer, mas é preciso compreender efetivamente o que é esse distúrbio.

Diante deste contexto, tornou-se imprescindível investigar o seguinte problema: Qual a compreensão dos educadores que atuam nos Ensino Fundamental Menor que corresponde ao 1º e 5ºano, sobre a dislexia na cidade de Parnaíba-PI? Visando essa problemática, propõe-se um estudo específico sobre o conhecimento e a compreensão dos professores do Ensino Fundamental da escola pública da rede municipal de ensino da cidade de Parnaíba-PI, discutindo e refletindo criticamente a importância da compreensão da dislexia na sua prática pedagógica. Percebe-se que o docente assume um papel fundamental quanto a detecção dos sintomas apresentados em sala de aula, pois como foi ressaltado anteriormente a maioria dos distúrbios de aprendizagem relacionadas a leitura e escrita acontecem no período escolar, em especial nas series iniciais. Assim, a má informação e o desconhecimento podem deixar lacunas que poderão interferir futuramente, no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem dos alunos, impedindo que eles avancem em seu período escolar.

Portanto, a temática sobre a compreensão docente, com base em alunos disléxicos ou com possíveis sintomas de dislexia, constitui-se como objeto de estudo na pesquisa desenvolvida nas séries iniciais do Ensino Fundamental na Escola Municipal “Construindo Saberes para o Futuro”, localizada na cidade de Parnaíba. O objetivo geral da pesquisa foi investigar a compreensão dos professores sobre a dislexia, ressaltando assim o trabalho e o desenvolvimento da prática pedagógica desses educadores especificamente aqueles que pretendem conhecer os fundamentos teóricos sobre a dislexia; como podem ser aplicados em sua prática e como lidam com esses distúrbios em sala de aula, pois há que se considerar que quando não diagnosticado precocemente alguns sintomas permanecem por bastante tempo, chegando até a fase adulta.

Contextualizando a Problemática

As dificuldades de aprendizagem ao longo dos anos vêm sendo alvo de pesquisa e discussões em busca de novos métodos que facilitem e contribuam para a melhor

compreensão e execução desse processo. Infelizmente, na atualidade, muitos desses métodos não levam em conta as necessidades e as limitações que os alunos apresentam no processo de desenvolvimento da leitura e escrita.

A dislexia é um dos problemas de aprendizagem bastante comum entre os indivíduos no período escolar. Sabe-se que é um distúrbio genético e hereditário, porém também adquirido em casos de acidentes, quando afeta a área do cérebro responsável pela linguagem. No entanto, apesar dos diversos estudos, os pesquisadores não conseguem saber, ao certo, suas causas reais. Pesquisas nesse foco estão sendo realizadas nas áreas biológicas, lingüísticas, neurológicas, fonológicas e visuais, para tentar aprender mais sobre esse distúrbio. A partir de estudos, o trabalho aqui exposto enfatiza a necessidade de conhecer melhor essa temática.

Na escola, no ambiente de sala de aula, o professor precisa estar atento às dificuldades na leitura de seus educandos e identificar quais e quantos problemas a criança apresenta, para isso, é necessário avaliá-la em conjunto com outros profissionais da própria escola, com o coordenador pedagógico e, se necessário, recomendar aos pais e aos seus responsáveis, o encaminhamento a especialistas no assunto. Antigamente não se falava em dislexia devido a má informação, no entanto, as pesquisas hoje demonstram a necessidade de uma atualização frequente sobre esse assunto. Mas, partindo desse contexto, de uma sociedade e, conseqüentemente da escola, que por muito tempo desconhecia e desprezava o distúrbio, surge o seguinte questionamento: Qual a compreensão dos educadores que atuam no Ensino Fundamental de nove anos sobre dislexia na cidade de Parnaíba-PI?

Objetivos

Os objetivos de um trabalho de pesquisa apontam o que se pretende alcançar, quais foram os resultados possíveis e que conclusões se esperam com a mesma. Desse modo, os objetivos que foram desenvolvidos nesse trabalho, desde a elaboração das perguntas dos questionários até a sua execução, buscaram entender como os educadores compreendem a dislexia e como esse conhecimento pode contribuir em sua prática na escola de Ensino Fundamental Menor de 1º e 5º da cidade de Parnaíba/PI. Assim ampliando o Conhecendo através do manuseio de materiais bibliográficos que serviram como fundamentos teórico que possibilite maiores esclarecimentos sobre a dislexia. Apresentar-se-á os objetivos que norteiam o trabalho aqui proposto

Geral

- Investigar o que os professores de algumas escolas de Parnaíba compreendem sobre a dislexia

Específicos

- Conhecer os fundamentos teóricos sobre a dislexia e como os educadores percebem esse distúrbios em seu cotidiano.
- Identificar maneiras que possibilitem a aquisição da leitura e escrita em alunos com dislexia.
- Analisar se a prática adotada pelo professor em sala de aula contribui no desenvolvimento da leitura e da escrita em alunos disléxicos.

Justificativa da Pesquisa

Levando em conta os inúmeros questionamentos e dúvidas que surgem entre os educadores sobre a dislexia, cujas causas são neurobiológicas e genéticas, decorrentes de falhas nas conexões cerebrais e sem cura, pretende-se nesse trabalho investigar a compreensão dos educadores sobre o tema. Alguns pesquisadores acreditam que quando mais cedo for tratada, maior a chance de corrigir as falhas nas conexões cerebrais da criança. Devido a complexidade do distúrbio, sua identificação torna-se difícil, além disso, muitos educadores encontram obstáculos na busca de informações e conhecimentos sobre o assunto, até mesmo para encontrar estratégias que possam ser desenvolvidas em sua prática. Assim percebeu-se a necessidade de investigar a temática da dislexia como desafio à prática educacional, com intuito de coletar informações para saber como os educadores compreendem esse distúrbio que é tão comum, porém tão pouco discutido de maneira eficaz entre os docentes.

Vale ressaltar que as informações descritas nesta pesquisa são fundamentadas em leituras bibliográficas, artigos e sites, fornecendo, portanto, subsídio para a realização da análise de dados. Esta análise teve como instrumentos, questionários aplicados às professoras de escola pública que atuam na Rede Municipal de Ensino de Parnaíba. A partir desses pré-supostos procurou definir o conceito de dislexia e tratar brevemente do histórico do distúrbio. A dislexia é uma disfunção neurológica que leva o indivíduo a passar por vários obstáculos e constrangimentos em sala de aula no processo da leitura e escrita, infelizmente o

distúrbio é desconhecido por grande parte da sociedade. Os educadores são muitas vezes os primeiros a perceber as dificuldades das crianças no processo de alfabetização, mas sem os conhecimentos necessários sobre o distúrbio, não as atendem de forma a tornar menos traumática a convivência com o problema e o desenvolvimento de sua aprendizagem, a fim de que esta aconteça de maneira significativa e eficaz. É relevante ressaltar, que o professor saiba que a dislexia não evidencia maior ou menor capacidade intelectual; pessoas disléxicas independente da idade, raça ou condição financeira podem aprender a ler efetivamente, o que requer uma metodologia diferente da convencional.

Procedimentos da Pesquisa e Estrutura do Trabalho

Os procedimentos da pesquisa devem ser entendidos, segundo o dicionário Amora como: Ato ou efeito de proceder; comportamento, conduta (2003, p.579) No entanto, podemos definir como os meios de utilização para a realização de uma pesquisa de maneira a obter os resultados almejados.

Para coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: o questionário e perguntas exploratórias, que serão descritos posteriormente com mais detalhes.

Quanto à organização da pesquisa, esta foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo trata sobre a metodologia da pesquisa, enfatizando o tipo de pesquisa, instrumentos e procedimentos abordados, bem como a apresentação dos colaboradores e do contexto empírico da pesquisa.

No segundo capítulo, faz-se uma análise conceitual sobre a dislexia, os tipos e definições do distúrbio. É apresentado ao leitor também um histórico da dislexia e, por último, a relação imediata do distúrbio com a escola de forma a subsidiar toda a discussão sobre a necessidade do docente de conhecer e reconhecer a dislexia dentro da sala de aula.

O terceiro e último capítulo apresenta a análise dos dados coletados a partir dos questionários aplicados a docentes em escolas de Parnaíba. Esses questionários aplicados aos professores são interpretados mediante o tema pesquisa, seguida de uma análise criteriosa sobre o conteúdo. Após esses capítulos citados, são expostas as considerações finais e sugestões para a continuidade desta investigação em estudos futuros.

CAPÍTULO I

INVESTIGANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

“A palavra progresso não terá qualquer sentido enquanto houver crianças infelizes”

Albert Einstein

Nesta primeira parte, explicitar-se-á a metodologia usada na pesquisa, assim, discorre-se sobre a abordagem qualitativa e quantitativa e em seguida serão tecidas maiores considerações acerca dos instrumentos utilizados. Para atender os objetivos da pesquisa utilizou-se o questionário. Dentre o referencial em destaque, foram utilizados Marconi(2004) Lakatos (2003) Chizzotti (2003) entre outros.

1.1 A Pesquisa Qualitativa

A pesquisa qualitativa busca entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Portanto, propondo uma abordagem ampla e significativa da pesquisa, segundo Chizzotti(2003): A abordagem qualitativa parte do fundamento e de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTTI, 2003, p.79).

A pesquisa realizada buscou verificar o que os professores compreendem por dislexia. A investigação, portanto, foi do tipo qualitativa, pois parte de uma realidade subjetiva à respeito da compreensão dos professores que atuam no Ensino Fundamental sobre o tema estudado. Esse tipo de trabalho, portanto, contempla a realidade com um envolvimento com os sujeitos e o cotidiano de sua prática educativa.

1.2 As Colaboradoras da Pesquisa

O foco central desta pesquisa está na prática adotada pelos professores ativos no Ensino Fundamental no que concerne a identificação das ações que elas realizam no seu dia-a-dia para desenvolver estratégias a fim de reconhecer a dislexia. Dessa forma, o estudo foi

realizado com a colaboração dos educadores do Ensino Fundamental de forma a entender como eles lidam com alunos com possíveis sintomas de dislexia na cidade de Parnaíba.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do município, aplicada a 8 professores. De modo a preservar suas identidades eles serão identificados nesse trabalho pela nomenclatura de PA a PH, como pode ser observado no quadro logo abaixo:

COLABORADORA	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE PROFISSÃO
Professora A	Normal Superior	8 anos
Professora B	Pedagogia	9 anos
Professora C	Teologia	15 anos
Professora D	Normal Superior	9 anos
Professora E	Pedagogia	13 anos
Professora F	Pedagogia	8 anos
Professora G	Pedagogia	12 anos
Professora H	Pedagogia	23 anos

Quadro 01: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras

1.3 Contextos Empíricos

A pesquisa foi realizada numa escola pública da rede municipal de ensino que fica localizada no Bairro Piauí, na cidade de Parnaíba-PI. Com relação aos aspectos físicos, a escola dispõe de espaços amplos e adequados à necessidade dos funcionários atuantes na mesma. Uma sala destinada a diretoria e a coordenação, ambas inadequadas quanto as condições de uso, pois possui um espaço pequeno. A escola dispõe também de uma sala para os professores, um auditório, onze salas de aula, uma despensa e uma cozinha, as duas últimas também com o espaço físico inadequados, pequenas ou mal utilizadas. Há também dois sanitários para funcionários (sendo um masculino e um feminino) e seis sanitários para os alunos, três para os meninos e três para as meninas, todos adequados e em condições de uso, porém não adaptados para as pessoas com necessidades especiais.

Já quanto aos aspectos humanos, a escola conta com um quadro de funcionários muito bom: um secretário, um auxiliar de secretaria, seis zeladoras, duas merendeiras, três vigias e vinte e dois professores, sendo sete atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental e oito na EJA, vale ressaltar que muitos destes lecionam em dois turnos.

A escola atende vinte e quatro turmas com o total de 689 alunos no Ensino Fundamental e quatro turmas com 130 alunos da EJA, enfatizando que a escola funciona manhã, tarde e noite, atendendo um público desde crianças de seis anos até os adultos.

A seguir apresentamos os instrumentos utilizados para obtenção dos dados da pesquisa.

1.4. Questionário

O questionário é um instrumento de coleta de dados, que amplia o campo de investigação que é composto por questões apresentadas por escrito à pessoas tem por objetivo propiciar conhecimento ao pesquisador. As perguntas podem ser classificadas quanto a sua forma da seguinte maneira: perguntas abertas onde o interrogado responde com suas próprias palavras; e perguntas fechadas as quais englobam todas as respostas possíveis. A presente investigação, por se tratar de uma pesquisa do tipo qualitativa onde o conhecimento não se reduz a um conjunto de respostas isoladas, optou por utilizar perguntas abertas onde cada professora pode se expressar de acordo com seu pensamento.

Durante a visita para observação na escola foi entregue às professoras o questionário com perguntas abertas e fechadas, que lhes permitiu uma reflexão quanto sua compreensão sobre a dislexia, fazendo com que elas avaliassem a importância de um conhecimento mais aprofundado sobre esse assunto, pois este revela-se extremamente relevante no bom desempenho de sua prática educativa.

Logo após a entrega do questionário as professoras da escola permitiram-se certa flexibilidade quanto a devolução: todas entregaram todos os questionários respondidos, no entanto, a maioria não soube responder de maneira objetiva e segura as perguntas apontadas. Há que se considerar também que houve resistência por parte de algumas em receber o questionário pelo desconhecimento e desinteresse pelo assunto da pesquisa.

1.5. Categorias de Análise

Após a coleta dos dados, os mesmos serão analisados e interpretados, de acordo com os critérios explicitados anteriormente, deste modo pretende-se sistematizar o conteúdo analisado, em consonância com a concepção de Lakatos, que dá ênfase a interpretação dos dados pelo pesquisador, pois que:

[...] É a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos materiais dos dados discutidos. (LAKATOS, 2003, p.168)

Para melhor analisar e interpretar os dados, a pesquisa foi subdividida em categorias, organizadas nos itens apresentados a seguir:

- Conhecimento e informação atual sobre a dislexia;
- Reflexão sobre o interesse de aprofundar o conhecimento da dislexia;
- Estratégias desenvolvidas na prática pedagógica para incluir alunos com necessidades especiais.

As categorias apresentadas darão suporte para as análises e discussões dos resultados da investigação a ser realizada no último capítulo do trabalho.

CAPÍTULO II

CONHECENDO A DISLEXIA

“Um professor Jamais conseguirá dar orientação adequada a uma criança se não aprender a compreender o mundo psicológico em que ela vive.”

Mun

Neste capítulo, serão enfatizados alguns pontos fundamentais para o reconhecimento e a compreensão da aquisição da leitura e escrita, baseando-se em fundamentos importantes que direcionam o processo de ensino-aprendizagem de cada indivíduo. O primeiro ponto tratará da definição da dislexia, abordando também a dislexia de desenvolvimento e adquirida, em outro ponto apresentará o histórico do distúrbio e logo após apresentará os tipos de dislexia. Como terceiro ponto será discutido a relação entre a dislexia e aprendizagem, nesse sentido, apresenta-se comentários sobre o papel da família e do educador diante da dislexia. A partir desse tópico pretende-se apresentar as contribuições de pesquisadores e seus métodos no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Como último ponto serão repassados dicas e sugestões para educadores aplicarem em sala de aula, a fim de detectarem o distúrbio. As discussões que embasam esse capítulo foram analisadas de acordo com fundamentos e concepções de alguns estudiosos que se dedicaram ao desenvolvimento da aprendizagem propondo esclarecimentos plausíveis sobre as dificuldades e limitações dos alunos com o distúrbio, como Shaywitz(2006) Piaget(2002), Vygotsky (2002); dentre outros.

2.1 A Definição da Dislexia

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem relacionada à decodificação das palavras, impedindo que seja realizada uma leitura precisa e fluente na oralidade do indivíduo. Por ser difícil a realização de um diagnóstico correto, não se sabe ao certo o número de pessoas que apresentam tais dificuldades. Há que se considerar que o processo de aquisição da leitura e da escrita acontece de modo específico em cada pessoa e por se tratar de habilidades bastante complexas, são constantes as indagações e estudos realizados, em busca de respostas sobre os problemas relacionados às dificuldades de muitas pessoas que não conseguem ler. De acordo com Shaywitz a complexidade do entendimento da dislexia, dá-se pela mesma ser de origem neurológica, onde reforça o conceito de que

[...] Dislexia é um problema complexo que tem suas raízes nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao homem entender e expressar-se pela linguagem. Pelas descobertas de como uma ruptura nesses circuitos neurológicos fundamentais para a decodificação da linguagem dá surgimento a esse problema na leitura, pudemos compreender como os tentáculos dessa desordem não apenas ao modo como uma pessoa lê, mas surpreendentemente, a uma gama de outras funções importantes, incluindo a capacidade de soletrar, de memorizar palavras e articulá-la e de lembrar certos fatos (SHAYWITZ, 2006, pág.20)

O campo da neurociência cada vez mais contribue para que aconteçam avanços inovadores nas descobertas de mecanismos importantes para compreensão da leitura e escrita em indivíduos disléxicos ou que apresentem sintomas similares aos da dislexia. No entanto, apesar dos avanços científicos, existem pessoas que atuam em diferentes profissões que desconhecem o assunto, assim, quando as mesmas se deparam com o problema, a experiência com disléxico, ou com pessoas com possíveis sintomas de dislexia, torna-se indesejada e complicada, o que faz com que muitos sintam-se inseguros diante do desafio de lidar com o distúrbio.

Por isso muitos negam as dificuldades causadas pela dislexia, embora ela esteja, por vezes, presente em suas práticas, por isso se esquivam de ampliar seus conhecimentos indo à busca de informações atuais e esclarecedoras ligada ao problema.

Nesse contexto, é comum encontrar educadores, administradores, profissionais conhecidos, questionando a existência do problema propriamente dito. No entanto, a presença da dislexia em nossa sociedade é inegável, uma vez que atinge tantas pessoas e acontece constantemente com indivíduos independente de idade, cor ou situação econômica. Desse modo, há aqueles que afirmam a inexistência da dislexia, relacionando os problemas apresentados a fatores sociais e educativos, desacreditando, no entanto, que o distúrbio seja uma variável decorrente de fatores biológicos.

Devido à falta de conhecimento ou de informações adequadas sobre a dislexia, muitos professores e pais se veem desesperados perante a realidade de seus alunos e filhos que não conseguem ler, e conseqüentemente desenvolvendo lentamente o processo da escrita, mesmo estes apresentando um nível alto de inteligência.

Para o disléxico, a experiência de tentar ler e não conseguir é frustrante e acaba desencadeando diversos problemas emocionais, sociais e pessoais, alimentando assim o abalo da auto-estima. Alunos que apresentam o distúrbio da dislexia são erroneamente rotulados como preguiçosos, burros, desatentos e agressivos, dentre outros termos pejorativos, criados pelos próprios colegas de sala e em alguns casos, pelos professores. Assim é possível perceber que a falta de informações faz com que muitos disléxicos sejam excluídos e impedidos de

avançar em sua aprendizagem. Em muitos casos a exclusão permeia a vida do disléxico até a fase adulta e, assim, causa danos irreparáveis em sua futura aprendizagem.

É comum que muitos por vergonha, sintam a necessidade de ocultar suas dificuldades ou até mesmo desistirem de estudar, e para uma minoria, surge a alternativa da busca de tratamento adequado. E é baseado na realidade de muitos disléxicos que sofrem com preconceitos e discriminação que educadores, pais e demais profissionais estão, recentemente, unidos e empenhados em quebrar certas barreiras da ignorância que ronda a dislexia, tendo como objetivo transformá-la em conhecimento acessível, por meio de artigos, palestras e pesquisas à todos interessados em compreender os desafios de pessoas que vivenciam essa dificuldade.

Assim, uma vez que a dislexia seja estudada e compreendida, os sintomas serão mais perceptíveis e o diagnóstico e o tratamento mais eficazes, não havendo mais mistérios a serem descobertos nem desprezo a pessoas com esta dificuldade por parte daqueles que não sabem lidar com o problema. Desse modo, será possível a superação do distúrbio e a promoção de pessoas seguras e capacitadas para contribuírem de maneira ativa no processo de ensino aprendizagem de seu filho ou aluno disléxico.

A leitura está interligada a diversos processos que são associados a linguagem, possibilitando o indivíduo ler e compreender o que está lendo, processos estes que dependem de diferentes funções cognitivas e sensoriais, incluindo a concentração e a consciência fonética ou seja fonológica. O disléxico, em muitos dos casos, possui uma ortografia ilegível e com erros ortográficos bastante acentuados, devido não conseguir perceber a estrutura sonora das palavras e também a uma disfunção do sistema de linguagem. Essa estrutura é a única responsável em reconhecer mecanismos fundamentais tanto para a fala quanto para leitura, especificamente como é denominado: o módulo fonológico. “ O módulo fonológico é como se fosse a fábrica da linguagem, a parte funcional do cérebro onde os sons da linguagem são reconhecidos e montados seqüencialmente para formar palavras onde as palavras são segmentadas em sons elementares” (SHAYWITZ,2006,p. 43).

A dislexia não é uma doença que poderá ser curada com medicamentos, mas se trata de um distúrbio, que quando identificado precocemente fará um diferencial no tratamento correto. O distúrbio só é percebido nas séries iniciais, quando a criança inicia o processo de alfabetização, é aí que a função do professor torna-se imprescindível, pois o mesmo assume um papel de destaque no reconhecimento dos sintomas, já que é o primeiro elo no processo de ensino aprendizagem do educando. Ao perceber as dificuldades do aluno o

educador deve encaminhá-lo a uma equipe multidisciplinar (pedagogo, psicopedagogo, neurologista, entre outros) para a realização de um diagnóstico definitivo da dislexia.

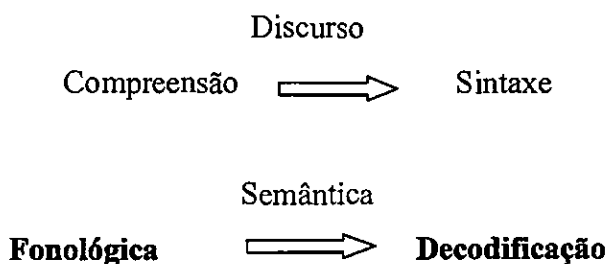
A dislexia está atribuída a dificuldade de decodificação de palavras que são os indicadores mais significativos e consistentes desse problema. No período da infância ela é mais perceptível na aquisição da leitura, afetando a fala, pelo fato da criança não conseguir processar os sons das letras das palavras, entretanto é importante enfatizar que a capacidade fonológica não está relacionada a inteligência, pois são pólos independentes, explicando assim a razão de muitos disléxicos serem, a mesmo tempo, muito inteligentes e não conseguirem ler. A dislexia, nesse caso, é resultado de uma confusão dos sons da linguagem e não a falta de conhecimento, que está ligado a uma deficiência inerente do sistema de linguagem, especificamente, o módulo fonológico.

Entender que a dislexia reflete um problema de linguagem, e não uma deficiência geral da inteligência ou um desequilíbrio acima de tudo visual, [...]A dislexia não reflete um defeito generalizado na linguagem, mas sim uma deficiência inerente a um componente específica do sistema de linguagem: o módulo fonológico, que é a parte funcional do cérebro onde os sons da linguagem são reconhecidos e montados sequencialmente para formar palavras e onde as palavras são segmentadas em sons elementares. (SHAWITZ, 2006, p.43.)

A decodificação e o reconhecimento imediato das palavras ocorrem na consciência fonológica, quando esta é deficiente, como no caso de pessoas disléxicas, impede as mesmas de ler, dificultando a compreensão do significado das palavras. Porém ocorre o caso de disléxicos terem facilidade em compreender palavras contextualizadas e não palavras isoladas, pois as capacidades de compreensão permanecem intactas, o que pode ser verificado no esquema abaixo que explica o processo de linguagem do indivíduo disléxico.

DISLEXIA

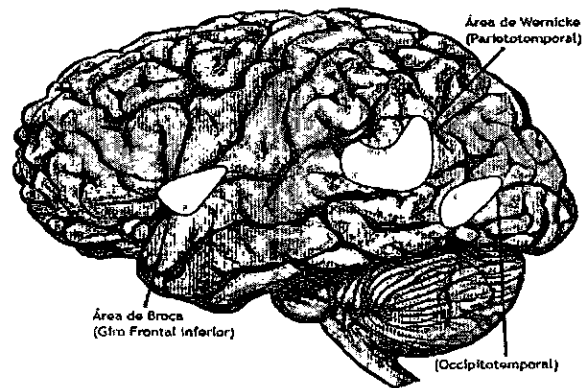
Sistema de leitura e linguagem



Os neurologistas Broca e Wernick¹, Segundo SHAYWITZ(2006) “Broca abriu as portas para que aprendesse como o cérebro ler” (p.62) suas descobertas sobre os sistema de linguagem e as dificuldades que envolvem a leitura, que caracterizando-as como afasias relacionando-as as funções cognitivas no cérebro que passou a ser denominada área de broca em homenagem ao mesmo, dando assim a outros médicos darem oportunidades de continuidade às pesquisas e assim descobrirem novas áreas do cérebro responsáveis pala leitura. A afasia de Broca aparece no indivíduo que não consegue enunciar as palavras, mas entende tudo o que se fala. Já de Wernick a partir de observações clínicas e acreditando em suas deduções o mesmo acreditava que “ os danos à área da parte superior do lobo temporal (a região cerebral atrás da parte superior da orelha) produziria ainda outra espécie de afasia” (SHAYWITZ,2006,p.61)- classificada como área de Wernick em homenagem ao um jovem alemão, o neurologista Carl Wernick em que o indivíduo fala com bastante facilidade, porém não entende os sistemas da linguagem, ou seja, a escrita, e acaba por se expressar de maneira incoerente.

A figura 1 mostra a imagem do cérebro enfatizando as áreas citadas acima, estudadas pelos neurologistas BROCA E WERNICKE.

Figura 1



Essas considerações foram baseadas em estudos sobre o cérebro, sendo que este é um órgão expressional, mesmo que para muitos que acreditam, que para entender o seu funcionamento, requer pesquisas minuciosas e fundamentadas em observações concretas que caracterizem o desempenho de ações referentes a leitura no cérebro.

¹ Paul Broca, neurologista foi respeitado médico francês que estudou o cérebro minuciosamente, suas observações prenunciaram uma nova era da exploração do cérebro e suas funções cognitivas associada a linguagem expressiva. Carl Wernick, um precoce neurologista de 26 anos, usou observações clínicas e de raciocínio dedutivo para indicar que os danos à área localizada ao longo da parte superior do lobo temporal, associada a linguagem receptiva.

A neurologista Shaywitz, diz que o lado esquerdo é o grande responsável pelo processo de linguagem, onde a mesma afirma que “o cérebro é feito de dois lados idênticos ou hemisfério é dividido em quatro lobos ou seções frontal, parietal, temporal, e occipital” (2006).

No entanto, os cientistas, há muito tempo concentram suas pesquisas nas áreas consideradas importantes para a leitura. No ano de 1891, o renomado neurologista Jules Dejerine, constatou que a região parietotemporal era essencial para a leitura mas só um ano depois o mesmo foi o primeiro a afirmar que também a área occipitotemporal era fundamental para ativar os mecanismos correspondente à leitura. E para melhor compreensão sobre o desempenho de tais funções é que a autora detalha esse processo:

[...] Esses dois subsistemas desempenham papéis diferentes na leitura, [...] o sistema parietotemporal funciona para o leitor iniciante, lenta e analítica, sua função parece estar nos primeiros estágios da aprendizagem da leitura, isto é, quando se começa a analisar uma palavra subdividida-a e conectando suas letras aos sons. (SHAYWITZ, 2006, p.27)

As últimas pesquisas realizadas com as imagens cerebrais estão cada vez mais esclarecedoras para o entendimento das dificuldades de aprendizagens que envolvem o ler e o compreender de pessoas disléxicas e não disléxicas. A figura 2 demonstra como são percebidas as falhas do sistema de linguagem, localizadas na parte posterior do cérebro, responsável pelo reconhecimento imediato das palavras. A falta de entendimento se dá devido às informações não chegarem com precisão à área responsável pela compreensão do que se lê. O disléxico, desse modo, consegue ler, mas de forma lenta, que exige mais tempo para a realização da função (leitura). Estas pessoas quando não conseguem executar tal função, sentem-se incapazes e muitas vezes envergonhadas por não conseguirem ler diante dos outros.

A imagem da figura 2 mostra o cérebro ativo na execução de leitura, onde pode ser observado que no cérebro do indivíduo com dislexia a área frontal é bastante usada, como se fosse pra compensar a parte posterior que não está ativa. Já no cérebro do indivíduo não disléxico, todas as áreas que corresponde ao processo de leitura são ativadas e assim possibilitando ao mesmo, uma leitura significativa e fluente.



Figura 2

Com várias análises realizadas ao longo dos anos, buscando um aprofundamento a respeito da dislexia, foi possível perceber sua divisão em dois grupos importantes: a dislexia de desenvolvimento e a dislexia adquirida. Assim, ampliando o conhecimento a respeito da dislexia, áreas prejudicadas do cérebro e as conseqüências apresentadas na leitura decorrente das falhas cerebrais, o primeiro termo atribuído às dificuldades de linguagem foi chamado por muito tempo de “cegueira verbal”. Esse primeiro termo pejorativo serviu como suporte importante para que fosse atribuído o termo hoje conhecido como dislexia (SHAYWITZ, 2006, p.26)

2.1.1 Dislexia de Desenvolvimento

É uma dificuldade fonológica que ocupa posição central, que interfere na linguagem e com dificuldades que ocorrem de maneira inesperada ao aprender a ler. Baseado em dados atuais percebe-se que a dislexia é mais comum em meninos do que em meninas e também é bastante comum em muitas famílias com, ou sem, casos de dislexia. Muitos pais só descobrem que são disléxicos depois de perceberem as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos seus filhos na escola, reforçando o conceito de que a dislexia é de origem genética.

Como não é uma doença que se desenvolve ao passar dos anos, mas sim um problema que já nasce com o indivíduo e só é percebida no processo de alfabetização, se diagnosticada precocemente o tratamento fará toda a diferença para que os disléxicos alcancem sucesso na vida social e profissional, pois saberão lidar com suas potencialidades e limitações de seu problema. Assim, a dislexia de desenvolvimento é associada à carga genética passada por seus genitores, que também possuem o distúrbio.

[...] A deficiência fonológica ocupa posição principal, estando os componentes da linguagem intactos, e a dificuldade de leitura está no nível da decodificação das palavras individuais, inicialmente com precisão de depois com fluência. A inteligência não é afetada e pode estar na faixa superior ou superdotada. O distúrbio está presente desde o nascimento, não sendo adquirido. (SHAYWITZ, 2006, p.115)

Mesmo os componentes da linguagem estando intactos, os disléxicos não conseguem ler devido a essa falha fonológica que é responsável pela visualização das palavras, interferindo assim no processamento normal das informações, no entanto, ocasionando uma interrupção de informação, impedindo assim que as informações cheguem

com precisão e ativando outras áreas da linguagem.

2.1.2 Dislexia Adquirida

Dislexia adquirida, por tanto poderá indicar a perda da capacidade de ler, decorrente de trauma cerebral, tumor ou derrame sendo que este afete os sistemas cerebrais necessários à leitura, que são localizados no hemisfério esquerdo do cérebro, resultando na perda total ou parcial da fala ou na fraqueza do lado direito. Dependendo da área afetada pela lesão cerebral, o bom leitor perde, por exemplo, toda habilidade da leitura adquirida ao longo dos anos de sua vida escolar, sendo por vezes uma surpresa para todos ao descobrir que pessoas adultas, após acidentes cerebrais apresentavam dificuldades de leitura, ficando claro que a “dislexia não conhece limite e nem geográficos nem intelectuais” (SHAYWITZ, 2006.p.37).

A dislexia é um assunto complexo e amplo, assim quanto a definição de sintomas e diagnóstico e por isso, muitas vezes, acaba sendo confundida com outros transtornos de aprendizagem como o TDAH (Déficit de Atenção Hiperatividade), por exemplo. Quanto a esse assunto é esclarecedora a definição cunhada por Shaywitz:

[...] A dislexia é uma disfunção cuja base é a linguagem e que afeta a leitura; [...] A dislexia é diferente por causa da natureza única e fechada da deficiência fonológica, que não interfere em outros domínios lingüísticos ou raciocínio; o TDAH é um problema que reflete dificuldades para distribuir, focar e sustentar a atenção. (SHAYWITZ, 2006, p. 115).

A dislexia envolve problemas de linguagem, de modo que sua natureza afeta somente a área fonológica, no entanto, as áreas de compreensão e raciocínio funcionam perfeitamente, mas devido a deficiência fonológica elas não são ativadas automaticamente. Já o TDAH, caracteriza-se como um distúrbio de comportamento, onde o indivíduo é desatento, não se concentra nas atividades e, em muitos dos casos, apresenta um comportamento agitado e agressivo, necessitando o uso de medicamentos, especificamente tranquilizantes.

Assim sendo, é possível afirmar que avanços dos estudos sobre a dislexia são relevantes para ampliar o conhecimento à respeito desse distúrbio e amenizar os problemas e limitações decorrentes das dificuldades de leitura apresentada pelos disléxicos, sejam crianças, jovens ou adultos.

2.2 Históricos da Dislexia

A dislexia recebe esse nome posteriormente, no início, segundo estudos e relatos de médicos, o distúrbio era diagnosticado em observações de pacientes que após sofrerem lesões no cérebro perderam a habilidade de leitura e escrita, o que acarretava dificuldades de aprendizagem. A partir deste quadro foram criados diversos conceitos que tentavam explicar o que impedia um indivíduo “normal” a aprender a ler, no entanto, somente com o passar dos anos é que o termo “dislexia” passou a ser usado.

A autora Shaywitz(2006) faz um breve resumo sobre os relatos que foram imprescindíveis para pesquisas futuras, que serviram como base para descobertas de novos caminhos a fim de facilitar a compreensão da complexidade que envolve a definição das dificuldades de aprendizagem e tentar conceituar com exatidão a origem dessas dificuldades, especificamente as relacionadas à leitura e escrita. O distúrbio muitas vezes é um dos fatores que interfere consideravelmente no processo de ensino aprendizagem dos discentes, tornando-se também causa de fracasso e da evasão escolar.

Shaywitz(2006) afirma que um dos casos mais antigos, foi relatado como “cegueira verbal” e se deu em 1676, quando “um médico alemão, Dr. Johann Schmidt, publicou suas observações sobre Nickolas Cambier, um homem de 65 anos que havia perdido a capacidade de ler, depois de um derrame.” (SHAYWTIZ, 2006, p.25). Outro importante pesquisador no campo do distúrbio de aprendizagem foi Dr. Samuel Orton, renomado médico que aprofundou suas pesquisas na neuroanatomia e realizou vários estudos sobre o cérebro humano.

Os neurologistas foram os primeiros grupos de profissionais que buscaram e aprofundaram seus estudos para compreender os problemas de aprendizagem, principalmente porque conviviam cotidianamente com o distúrbio em casos de pacientes que sofriam alguma lesão cerebral e tornavam-se incapazes de ler, ou seja, reconhecer os códigos fonológicos das palavras. O neurologista alemão Adolf Kussmaul classificou de “cegueira verbal” as referentes dificuldades de leitura de palavras impressas ou escritas. Mas foi somente Morgan o primeiro a considerar esse termo, devido à disfunção de desenvolvimento que ocorre em crianças saudáveis que não conseguiam ler. É interessante ressaltar relatos anteriores de 1872, do eminente neurologista britânico Sir. Willian Broadbent quando apresenta um caso de dislexia adquirida, ao perceber que seu paciente visualizava a palavra e não conseguia entendê-la. Apesar dos relatos de Broadbent servirem de subsídio para Kussmaul é somente

em 1877 que ele ampliou suas idéias à respeito das dificuldades de leitura quando:

Deu-se conta de que “pode existir uma total cegueira de texto, apesar de a visão, o intelecto e a fala estarem intactos.”[...]uma condição isolada que afeta a capacidade de reconhecer palavras e ler textos mas em que tanto a compreensão quanto a expressão pela linguagem oral permanecem intactas. (SHAYWITZ, 2006, p. 26).

Portanto, foi a partir dessas concepções que Kussmaul recebeu o crédito por ter cunhado o termo alemão *Wortblindheit*, literalmente “cegueira verbal”, hoje classificada como dislexia, por tratar-se de uma condição de reconhecimento de palavras, porém a leitura de textos, tanto na compreensão, quanto na expressão pela linguagem oral, permanecem perfeitas. Em 1887 Rudolf Berlin, médico alemão redefiniu o entendimento do problema da leitura adquirida. Os primeiros casos foram percebidos em pessoas que perdiam a capacidade de leitura após acidente ou lesão no cérebro.

Portanto, a história do reconhecimento da dislexia, da evolução como problema, surgiu efetivamente do trabalho de Berlin, que foi o primeiro a aplicar o termo dislexia propriamente dito. Porém é importante ressaltar também as contribuições de Dr. W Pingle Morgan, neurologista importante que contribuiu bastante para os avanços atuais e que em 7 de novembro 1872 publicou seu artigo sobre a “cegueira verbal congênita”, tornando-se o primeiro a considerar a dislexia congênita, causada pela disfunção de desenvolvimento que ocorre em crianças saudáveis que não conseguem ler. Contudo só depois dos estudos de Morgan, foram avaliados casos de crianças inteligentes afetadas pelo distúrbio. A partir daí, percebeu-se que a dislexia poderia dar-se de dois modos: congênita e adquirida, como diferencia Shaywitz:

[...] A “cegueira verbal”, quando adquirida, afeta primeiramente as adultos, ocorrendo após uma lesão cerebral. [...] afetam em geral o lado esquerdo do cérebro, onde podem prejudicar varias funções. Além de problemas de leitura, os pacientes atingidos podem experimentar fraqueza muscular do lado direito do corpo, dificuldade em pronunciar palavras ou problemas para nomear objetos. Ao contrario, a “cegueira verbal congênita” ocorre nas crianças e reflete uma disfunção presente desde o nascimento. (SHAYWITZ, 2006, p.27)

Partindo das primeiras descobertas da dislexia, casos do distúrbio passaram a ser cada vez mais percebidos e relatados, não só por médicos de países desenvolvidos como os da Grã Bretanha (1903), Alemanha (1903) e da França (1906), mas também de outros países. Somente em 1905 surgiu o primeiro relato sobre dificuldades de aprendizagem na infância, nos Estados Unidos. “A idéia de se ter visão perfeita, mas não se ver as palavras escrita.”

Pessoas com dificuldades de leitura, normalmente eram encaminhadas para pessoas especializadas em olhos e visão: os oftalmologistas, que descartaram a idéia de que algum problema ocular fosse à causa de problemas congênitos.

Partindo das primeiras descobertas a dislexia, passou a ser cada vez mais percebida e relatada não só por médicos de países desenvolvidos como os da Grã Bretanha (1903), Alemanha (1903) e da França (1906), com o passar do tempo, a consciência do distúrbio chegou a outros países. Somente em 1905 surgiu o primeiro relato sobre dificuldades de aprendizagem na infância nos Estados Unidos. “A idéia de se ter visão perfeita, mas não se ver as palavras escrita.” (SHAYWITZ, 2006, p.26). Esses primeiros casos eram, na maioria das vezes, encaminhados para pessoas especializadas em olhos e visão, os oftalmologistas, que descartaram a idéia de que algum problema ocular fosse a origem desses problemas congênitos, abrindo espaço para o estudo da dislexia.

Segundo Shaywitz, o “diagnóstico da dislexia” é de caráter clínico, tendo como base a síntese das informações colhidas principalmente das observações sobre o paciente e de seu histórico” (p.29), o diagnóstico nem sempre foi realizado baseados em fatores clínicos, E. Treacher Collins ,depois de ter contato com crianças com “cegueira verbal congênita” (dislexia), percebeu que os sintomas principais do distúrbio:

Eram frequentemente negligenciados, sendo classificados como burrice, ou algum erro de refração, o que prejudicava muito o indivíduo, que era em geral culpado, intimamente a ridicularizado por um defeito pelo qual não tinha culpa, mas sim o azar de possuir”. (SHAYWITZ 2006, p.29)

É pertinente dizer que a dislexia é vinculada a questões biológicas (genética e neurológica), aspectos ambientais (familiares e escolares) e cognitivos, por haver o déficit no processamento fonológico da informação interferindo de maneira significativa na área da leitura e escrita.

Atualmente, muitos possuem conceitos errôneos sobre a dislexia, por acreditarem que ela é uma doença, desconsiderando assim os sintomas apresentadas pelo dislético quando criança. As pessoas que sofrem o distúrbio muitas vezes são excluídas de seus direitos e deveres, de serem tratados como indivíduo capazes de aprender e de se tornarem cidadãos seguros e conscientes de suas limitações. Entretanto, levando em consideração a complexidade de reconhecer as reais causas dos sintomas que envolvem a dislexia, é possível compreender que, por ignorância, muitos deixem de proporcionar

mecanismos que facilitem a vida escolar e social de uma pessoa disléxica.

A falta de conhecimento de aspectos que envolvem a dislexia, tais como: os sintomas, o diagnóstico e o tratamento, contribuem na evasão escolar, fracasso e o baixo índice de desempenho e aprendizagem. Assim, muitos dos sintomas passam despercebidos, não sendo encaminhados para uma equipe multidisciplinar, para a realização de um diagnóstico preciso e eficaz. Nesse contexto a maioria dos casos requer uma avaliação qualitativa, sustentada em observação e pesquisa e não uma avaliação quantitativa onde são avaliados os erros e os acertos sem levar em consideração as habilidade e competências que o disléxico pode desenvolver. Desse modo, a dedicação, afetividade e criatividade da família e da escola são elementos indispensáveis para amenizar e proporcionar caminhos alternativos para que este adquira conhecimento significativo.

De acordo com os dados da ABD (Associação Brasileira em Dislexia) cerca de 5% a 17% da população mundial é disléxica, sem mencionar os casos não diagnosticados. Por isso, percebe-se que a dislexia é um distúrbio comum entre a população, embora não reconhecido no meio familiar e escolar. Os estudos e as novas descobertas sobre a dislexia surgiram a partir da criação de uma associação internacional que atendesse a família, profissionais em várias áreas de atuação (como médicos e professores, dentre outros) e os próprios disléxicos. Com informações, tratamento e material de apoio a Orton Dyslexia and Association (Atual Internacional Dyslexia Association – IDA) realizou as avançadas pesquisas nas áreas dos distúrbios de aprendizagem.

Somente em meados de 1980, uma instituição semelhante surge no Brasil, a partir de um pai que, em busca de respostas sobre as dificuldades de aprendizagem de seu filho, teve contato com a Bristsh Dyslexia Association na Inglaterra e sob a orientação dela, de volta ao país, inicia encontros importantes, com intenção de fundar uma entidade que atendesse não só as necessidades dos pais de um disléxico, mas também, profissionais, familiares e aos próprios disléxicos. Desse modo, em 1983 nascia ABD (Associação Brasileira em Dislexia), no entanto, iniciou apenas como ponto de estudos, encontros com trocas de informações e com divulgação da dislexia nos diversos campos de conhecimento. Devido a propagação e a divulgação a ABD, despertou nos profissionais o desejo de buscar respostas concretas e orientações objetivas com o propósito de também atender aos pedidos dos pais, e 1988 deu-se início as atividades do CAE (Centro de Avaliação e Encaminhamento). O CAE atende a todos que necessitem de respostas adequadas, estratégias e orientações para educadores, dando apoio clínico no tratamento. No entanto, há que se ressaltar que o diagnóstico só pode ser

realizado por uma equipe multidisciplinar.

A ABD hoje serve como ponto de apoio as famílias e aos disléxicos, seus participantes são constituídos de disléxicos de todas as idades, docentes, familiares e profissionais da área educacional e clínica. Disponibiliza orientação, diagnóstico, encaminhamentos, cursos para pais e interessados em conhecer melhor sobre o assunto. Também organiza simpósios, palestras, material de apoio com informações atuais, livros e todos os recursos para que as famílias brasileiras possam conhecer um pouco melhor o distúrbio.

2.3 A Dislexia e a Aprendizagem

A dislexia pode ser também caracterizada como deficiência múltipla, por ser um distúrbio de aprendizagem que apresenta um comprometimento ou incapacidade de ordem física (expressão), associada a uma dificuldade de leitura e escrita, dificuldade na soletração, memória de curto prazo, dentre outras, que serão explicitadas posteriormente. Ao contrário do que a sociedade pensa, a dislexia não é fruto de má alfabetização, desmotivação, falta de inteligência, preguiça ou uma situação sócio-econômico defasada. Por ela ser uma condição hereditária e apresentar alterações genéticas e neurológicas, cria diferentes dificuldades que interferem em sua aprendizagem.

Portanto, é imprescindível ressaltar pontos importantes sobre as dificuldades e as limitações que um disléxico enfrenta no início de sua escolaridade que, quando não diagnosticado e tratado, poderá permanecer até a fase adulta desenvolvendo problemas emocionais muito complicados. Pode-se afirmar, com base em dados fundamentados em pesquisas de longos anos, que a dislexia é bastante comum, porém pouca discutida entre os próprios profissionais educacionais. Cotidianamente surgem novos sinais que caracterizam a presença do distúrbio de aprendizagem na vida de muitos indivíduos, que não conseguem compreender e os impedem de desenvolver certas atividades que são comuns para seus colegas na mesma faixa etária. Além disso, algumas crianças disléxicas também apresentam dificuldades motoras que interferem no desenvolvimento da caligrafia e de outras habilidades a ela relacionada.

Desse modo, o educador precisa estar atento quanto ao processo de ensino aprendizagem de seus educandos em sala aula, de modo que sua atenção fará toda a diferença na avaliação e no encaminhamento para o diagnóstico médico da dislexia. Como

resultado tem-se a busca de caminhos que proporcionem ao educando uma aprendizagem significativa, em que o próprio educador será capaz de melhorar o seu desempenho, transformando sua prática, tornando-se consciente da função sócio-educativa que exerce. Assim, o educador sendo responsável por ser um agente formador de opiniões críticas, dentro do seu desempenho de sua prática, pode amenizar muitos problemas de aprendizagem que fazem parte da realidade escolar de muitos discentes.

A dislexia por está hoje em voga é um termo bastante discutido entre vários profissionais, pois abrange áreas diversificadas do pensamento, envolvendo tanto as áreas clínicas como as educacionais. A informação e o conhecimento concreto poderão dar subsídios ao educador, fazendo com que ele tenha a capacidade de perceber os sintomas em sua sala de aula, e segurança em encaminhar os que sofrem deste distúrbio para uma equipe especializada, fim de que essa possa realizar um diagnóstico preciso. A partir do trabalho coletivo desses profissionais (educador e equipe multidisciplinar) junto a família e a escola, parceria se tornará eficaz, facilitando o tratamento.

No entanto, alguns casos de dislexia podem ser acompanhados de hiperatividade, o que ocorre, devido ao disléxico não conseguir concentrar-se em atividades propostas em sala de aula, pelo fato de ser agitado e agressivo. Há que se considerar também que, a maioria dos disléxicos pode desenvolver um quadro emocional muito delicado, chegando a uma depressão profunda. No entanto, o conhecimento e o entendimento sobre a dislexia na escola são fundamentais para que o educador seja capaz de observar e detectar tais sinais.

Apesar da divulgação, estudos realizados quanto à definição, sintomas e tratamento da dislexia, muitas pessoas confundem-na com outros distúrbios de aprendizagem, nesse sentido, cabe aqui ressaltar alguns sintomas frequentes causados pelo distúrbio no cotidiano escolar em diferentes níveis de desenvolvimento da aprendizagem de cada indivíduo. Alguns sinais indicativos da dislexia de desenvolvimento poderão ser percebidos pelos docentes em sala de aula e pelos próprios familiares desde que os mesmos tenham conhecimento sobre a existência da dislexia na escola, na família e sociedade.

É importante enfatizar que há outros sintomas, além destes que serão explicitados, porém todos envolvem dificuldades na linguagem, leitura e escrita. Como alertado anteriormente, a criança não precisa desenvolver todos os sintomas abaixo mencionados de acordo com os dados recentes da ABD(Associação Brasileira em Dislexia) para ser considerada disléxica, na verdade apenas alguns deles já se fazem necessários para a detecção do distúrbio.

Linguagem:

- Atraso de falar;
- Histórico familiar, de atraso na fala e dificuldade na leitura;
- Demora em aprender novas palavras;
- Dificuldade para lembrar nomes e símbolos;
- Dificuldade para aprender cantigas e parlendas;
- Dificuldade em aprender palavras longas.

Leitura:

- Dificuldade de Leitura
- Dificuldade para discriminar as letras do alfabeto;
- Dificuldade no aprendizado da leitura escrita e soletração;
- Dificuldade para separar a seqüência os sons (exemplo m-e-n-i-o);
- Dificuldade para discriminar fonema grafema (som-letra) (ex: p-b, t-d, f-v,k-g, x-j, s-z);
- Apresenta adição/emissão de fonemas ou sílabas (ma- ;
- Apresenta leitura silabada, vagarosa e com muitos erros;
- Uso excessivo de referências para nomear objetos;
- Dificuldade em recontar uma história;
- Dificuldade na compreensão aos enunciados de problemas matemáticos;
- Dificuldade para compreender textos escritos;
- Dificuldade para ler palavras isoladas;

Escrita:

- Letra com características disgráficas;
- Dificuldade no planejamento motor da escrita e para fazer a letra cursiva, por exigir uma coordenação motora bem desenvolvida;
- Dificuldade para copiar a lição;
- Dificuldade para se expressão por meio da escrita, elaboração de textos escritos, planejar;
- Escrita com erros significativos emoções, trocas, dedicação, omissões fonêmicas e silábicas e aglutinações.

Para que a criança seja efetivamente considerada disléxica, é indispensável à realização de uma avaliação feita por profissionais especializados, que só poderá ser realizado por uma equipe multidisciplinar composta por vários profissionais como pedagogos, fonoaudiólogo, neuropsicólogo, psicopedagogo e neurologistas. Segundo os dados da ABD(2009) casos propensos a dislexia localizados em crianças que ainda não tenham passado por um processo de alfabetização, já que na maioria dos casos os primeiros sinais são bastante evidentes apenas no período escolar, o diagnóstico as considerará somente como “criança de risco”, pois é mais fácil detectar o distúrbio de modo eficiente em crianças no período que desenvolvem a leitura e a escrita.

Para Associação Brasileira em Dislexia(ABD, 2009), há uma distinção entre os sinais permanentes, intermitentes e passageiros da dislexia. Assim, quanto aos sintomas da dislexia, é possível definir três situações em que:

Haverá sempre:

- Dificuldades com a linguagem e escrita;
- Dificuldades em escrever;
- Dificuldades com a ortografia;
- Lentidão na aprendizagem de leitura.

Haverá às vezes:

- Dificuldades com a linguagem falada;
- Dificuldade com a percepção espacial;
- Confusão entre a esquerda e direita (espacial).

Haverá muitas vezes:

- Disgrafia; (letra feia);
- Discalculia, dificuldade com a matemática, sobretudo na assimilação de símbolos e ao decorar a tabuada;
- Dificuldade em compreender textos escritos;
- Dificuldade em aprender outra língua.

Baseado nessa concepção pode-se afirmar que o indivíduo, não tendo um acompanhamento adequado desde a fase de infância, poderá ficar com os sintomas permanentemente, prejudicando assim as demais etapas de seu desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, o que, sem dúvida, acarretará prejuízos também em diversos outros aspectos de seu cotidiano como o pessoal, o familiar e o social.

2.4 Tipos de dislexia

Com base em trabalhos realizados por alguns estudiosos, pode-se dizer que até hoje o que se conhece à respeito da dislexia são classificações que são embasadas em conceitos de outros cientistas que, no entanto, propõe facilitar o entendimento sobre as limitações e as dificuldades apresentadas no cotidiano escolar, como reforça Border(1973) que: “classifica [tipos do distúrbio] como dislexia disfonética, diseidética e mista”. Segundo essa classificação é essencial discutir alguns pontos que poderão facilitar o trabalho dos professores na percepção dos sintomas apresentados em sala de aula, como:

2.4.1 Disfonética: são transtornos específicos da aprendizagem que apresentam falhas no processamento perceptivo auditivo.

Dificuldade no ditado, substituições, mudanças de letras por outras similares; inversões, modificação da seqüência das letras ou das sílabas em uma palavra (por exemplo: saca por casa); déficit na seqüência da memória auditiva (existe dificuldade de compreender palavras ouvidas, dependendo do tamanho da palavra e da familiaridade da mesma); agregados (aumentar letras ou combinações de letras ou repeti-las); soletrar alterando de modo errôneo as letras; dificuldade em fazer rimas e dificuldades para recitar o alfabeto.

2.4.2 Diseidéticas: se expressam por dificuldades na percepção viso-espacial surgimento das falhas nas práxis.

Dificuldade de orientação espacial; falhas no esquema corporal; alterações na lateralidade; rotação (confusão de letras que tem orientação espacial diferente, exemplo: b d q p); falhas na discriminação figura-fundo; inversões; omissões; ao escrever unem letras, sílabas e palavras; falhas na associação do grafema e do fonema; não reconhece o erro cometido; dificuldade ao escrever; dificuldades de ordenamento seqüencial e alterações na motricidade fina.

2.5 O papel da família e do educador, diante do indivíduo disléxico

A dislexia é cada vez mais presente na sociedade e, partindo desses dados que foram fundamentados em estudos de muitos anos, percebe-se a importância da família desde o reconhecimento dos sintomas até o tratamento. Desse modo, os primeiros sinais do distúrbio, ainda em idade pré-escolar, não permitem afirmar de modo efetivo se esses indivíduos terão ou não alguma dificuldade na aprendizagem, mas somente quando o indivíduo inicia a escolarização de fato é que realmente os sintomas poderão ser percebidos. Nessa etapa, o educador assume um papel importante na detecção dos sintomas, podendo dar apoio para a família encaminhar a criança para uma equipe de profissionais que fechará um diagnóstico mais preciso.

Assim, junto com a família, é preciso criar estratégias para o educador saber lidar com as dificuldades de aprendizagem, o que facilitará consideravelmente a sua prática docente.

2.6 A contribuição de pesquisadores e seus métodos no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem do indivíduo

A aprendizagem é uma função importante e está em constante processo de mudanças, pois é integrativa capaz de estreitar a relação física, psicológica e mental, fazendo com que o indivíduo tenha conceitos essenciais de sua realidade.

Levando em consideração este fato, entende-se a necessidade de considerar diversos aspectos internos e externos, no que se refere ao desenvolvimento da aprendizagem no indivíduo. Algumas teorias da aprendizagem são, portanto, essenciais para o reconhecimento à respeito da aquisição do processo de ensino aprendizagem, permitindo ao educador, possuir subsídio para entender como a criança se desenvolve e adquire novos conhecimentos e, mesmo que essas teorias não tenham uma ligação direta com a dislexia, é indispensável que o educador conheça um pouco dos métodos que venham a contribuir direta e indiretamente com sua aplicabilidade em sua prática.

Assim, pode-se afirmar que os conhecimentos prévios, fazem com que o educador seja capaz de reconhecer alguns distúrbios que possam se fazer presentes no âmbito escolar, além de contribuir para que o professor entenda o aluno como um todo, de modo integral e possa se utilizar desses conhecimentos para estimular uma aprendizagem significativa e

eficaz.

A dislexia é uma temática que está sendo bastante discutida entre vários profissionais que estão interessados em aprofundarem-se nos estudos em relação ao ensino. De acordo com Sally “é um problema lingüístico que afeta a leitura, a escrita e a fala” (SHAYWITZ, 2006, p. 240) trazendo consigo muitas conseqüências que interferem no sucesso escolar do indivíduo. Mesmo que o disléxico apresente deficiência fonológica, são pertinentes as propostas inovadoras que propõem que a atenção da família dos educandos não esteja centralizada somente nas dificuldades do disléxico, ou seja, é necessário também que seja levado em conta suas habilidades e a capacidade de superar suas próprias limitações em seu processo de ensino aprendizagem. Partindo de uma visão construtivista e com idéias inovadoras de alguns pesquisadores na área da educação, nota-se diversas contribuições na prática de muitos professores que buscam minimizar as deficiências de aprendizagem detectadas por eles em sala de aula ao valorizar as capacidades e competências de seus educandos.

Estudos importantes contribuem atualmente para o surgimento de novas concepções pedagógicas e de trabalho, proporcionando aos educandos um ensino significativo. Nesse contexto, o professor assume um papel de mediador de conhecimentos, capaz de desenvolver, vivenciar e transformar o cotidiano escolar para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Sobre a importância do conhecimento do professor do próprio desenvolvimento da criança, é necessário citar Jean Piaget (1896-1980), psicólogo suíço que revolucionou o modo de ver a educação de crianças que pensam diferente de adultos. Durante a metade da Segunda Guerra, na metade do século xx, seu nome foi bastante influente na área da educação, sendo fonte indispensável pelas observações rigorosas sobre o processo de aquisição de conhecimentos pelo ser humano, em especial a criança e seu desenvolvimento.

As descobertas de Piaget(2008) foram inúmeras com respeito ao pensamento lógico-matemático, as quais demonstraram que a transmissão de conhecimento é uma possibilidade limitada. Assim, não se pode fazer um indivíduo aprender o que ele não está preparado para aprender, ou seja, que existem fases para se absorver determinados conceitos. De acordo com as idéias do psicólogo, a criança tem capacidade de construir seu próprio conhecimento, que ao longo do tempo ganha autonomia. Nesse processo, o educador exerce seu papel como mediador, facilitador dessa construção. Então, segundo a concepção de Piaget(2008) o desenvolvimento cognitivo se dá em quatro estágios: sensório motor; pré-operatório; operações concretas e operações formais, segundo esse pensamento, o conteúdo é

aplicado de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada indivíduo, valorizando assim as capacidades cognitivas individuais de cada criança.

Com o passar do tempo outros intelectuais continuaram contribuindo com suas pesquisas e informações, que foram e continuam sendo essenciais na compreensão e na construção de novos conceitos sobre o processo de aprendizagem do indivíduo. Nesse sentido, pode-se considerar pontos importantes também na obra do psicólogo bielo-russo Lev Vygostsky (1896-1934) que morreu há 75 anos atrás, com apenas 32 anos. Seus estudos são bastante presente na pedagogia contemporânea, Vygostsky(2008) considera que os estudos sobre o desenvolvimento intelectual possuem um papel preponderante nas relações sociais, o que levou a criar a correntes pedagógica chamada de sócio-interacionismo.

Portanto, em contrapartida com as idéias de Piaget(2008) que se dedicou ao tema da evolução, das capacidades de aquisição do conhecimento, dando assim mais relevância aos processos internos do que ao interpessoal, tem-se os estudos de Vygostky sobre a aprendizagem, decorrentes da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com o meio social.

Assim, com as novas descobertas apresentadas por esses, entre outros teóricos, o processo de aprendizado propiciou um novo olhar em relação ao seu próprio desenvolvimento, entendendo que o indivíduo possui várias aptidões além do raciocínio, o que provocou grandes impactos nos meios pedagógicos tradicionais vigentes. O cientista norte-americano Howard Gardner, formado no campo da psicologia e da neurologia, com sua teoria das inteligências múltiplas divulgada no início da década de 80, revolucionou todo meio educacional. Gardner(2008)buscou evidências, no caso de indivíduos com lesões e disfunções cerebrais, que fundamentassem a relação entre as habilidades individuais com alguma região do cérebro. Partindo do conhecimento das áreas cerebrais estimuladas, Gardner(2008) fundamentou a sua teoria da existência de sete inteligências, a saber: Lógico-matemática; Linguística; Espacial; Físico-cinestésica; Interpessoal; Intrapessoal e Musical.

Gardner favorece uma visão integral de cada indivíduo e a valorização da multiplicidade e da diversidade na sala de aula, pois para o autor cada indivíduo nasce com um vasto potencial de talentos que ainda não foram moldados pela cultura. Tendo em vista a concepção de Gardner, a educação costuma errar quando não leva em consideração os diferentes potenciais que cada indivíduo possui em sua particularidade. Portanto, partindo dessa visão pode-se também enfatizar a importância do olhar do educador perante as limitações que seu educando apresenta em determinada área de ensino, como por exemplo, o

ensino da matemática na linguagem e etc.

Celso Antunes, especialista em inteligência e cognição, é também um dos grandes teóricos a defender a existência das inteligências múltiplas. Destacam-se seus estudos voltados à prática docente, preocupados em despertar uma ação pedagógica reflexiva aberta a mudanças e transformação em sua prática. Nesse sentido, faz-se necessário ao professor desenvolver diferentes maneiras de ensino, utilizando de meios tecnológicos que facilitem a transmissão do conhecimento, pois quando ele é adequado de maneira significativa ao potencial do aluno, proporciona uma proximidade entre a realidade dos conteúdos e o cotidiano dos educandos, e assim motiva-os a permanecerem na escola, pois ela respeita seu potencial e também suas limitações. O professor, torna-se, desse modo, uma pessoa capaz de desenvolver em seus alunos habilidades, capacidades, competência e inteligência. Entretanto, é preciso que ele seja consciente de seu papel como educador reflexivo e democrático.

Segundo Celso Antunes (2008) “o ser humano nasce com uma série de capacidades, mas se a escola não as trabalha se o ambiente no qual ela cresce não as desenvolve, ela provavelmente ficará com suas capacidades limitadas”. O autor discute desse modo, sobre as faculdades do ser humano e, com base em seus estudos, as caracteriza como capacidades motoras, que estão ligadas ao desenvolvimento em sua plenitude. Essas capacidades envolvem os órgãos dos sentidos; as capacidades emocionais, que se relacionam ao estado emocional de cada indivíduo. As capacidades cognitivas estão relacionadas à questão organizacional dos indivíduos, a concepção do tempo, por exemplo, pela qual ele percebe diferentes possibilidades de executar tarefas, dando-lhes significado no contexto no qual estão inseridos.

Há competências que precisam ser desenvolvidas nos educandos, mas antes o educador precisa refletir sobre sua prática, e assim desenvolver a princípio competências em si próprias, percebendo a individualidade de cada aluno a partir de si. Quanto a esse tema, Antunes(2008)menciona as múltiplas faces do conhecimento, que estão envolvidas ativamente no processo ensino-aprendizagem dos discentes, atribuindo valores e capacidades em diferentes dimensões e ampliando suas concepções de conhecimento e de mundo. Um dos desafios do educador, nesse sentido, é ser um professor estimulador de capacidades, propondo aos seus educandos um ensino voltado para o seu cotidiano, assim, ao enfatizar os saberes adquiridos na escola provoca um olhar singular. Essa nova visão permite ao aluno o novo, aquilo que não era habituado a ver, a sair da estagnação, retrabalhando suas limitações de aprendizagem. Desse modo, o professor, torna-se um pesquisador, capaz de aprimorar sua

prática e de desenvolver capacidades em seu educando para enfrentar obstáculos, não apenas na escola, mas em sua vida.

2.7 Dicas para o educador aplicar em sala de aula com alunos disléxicos ou com possíveis sinais da dislexia

Baseados em conceitos e concepções que revolucionaram a educação, alguns educadores buscam modificar suas práticas e seus conhecimentos pedagógicos, ao desenvolverem métodos que poderão ser trabalhados no cotidiano escolar. Pois, desse modo, quando se conhece a amplitude que envolve a construção do conhecimento trabalhado, os próprios professores em suas salas de aula, podem proporcionar estratégias novas para aplicar em sua prática com pessoas com dificuldades de aprendizagem ou com possíveis sinais de dislexia. Apesar de ser um grande desafio para alguns educadores, essa abertura permite lidar melhor com as diferenças existentes em sala.

Assim sendo, conhecer o aluno, suas capacidades e dificuldades, proporciona ao docente conhecimentos importantes, facilitando assim o desempenho de sua prática, dando-lhe autonomia e segurança de criar estratégias, de modo a adequar a realidade e as necessidades de seu alunado.

Nesse contexto, Shaywitz(2006), faz considerações relevantes sobre o conceito científico da dislexia, onde afirma que deve-se entender a dislexia para melhor saber lidar com as limitações criadas por ela e também visando não confundi-la com outros distúrbios. No entanto, segundo a autora, “apenas a dislexia produz uma síndrome clínica caracterizada pela combinação paradoxal de deficiência fonológica e capacidade cognitiva de alto nível em uma só pessoa” que caracteriza como compreensão de deficiências fonológicas e capacidade cognitiva de alto nível em uma só pessoa (SHAYWITZ, 2006, P.248). Nesse caso, o indivíduo que tenha um histórico de dificuldades fonológicas na fala, leitura e na ortografia, mesmo que apresente fortes pontos na cognição, é disléxico já que a dislexia é uma condição crônica, ou seja, não é algo que se desenvolva.

A ABD (2009)(Associação Brasileira de Dislexia) aponta alguns procedimentos básicos, que o professor deve incorporar à prática para melhor entender o seu aluno disléxico ou com possíveis sintomas de dislexia. Porém, vale ressaltar que o distúrbio, quando detectado, fica a cargo em especial do educador, que deve encaminhar essa criança à especialistas. A partir daí, da confirmação o diagnóstico, faz-se necessário a realização de um

trabalho conjunto, onde o disléxico precisará ser sempre acompanhado por profissionais em conjunto com a escola e a família. Mas quando o caso não pode ser acompanhado, o professor perante as dificuldades de aprendizagem, sente a necessidade de buscar estratégias que facilitem a sua prática, nesse caso, é importante que ele esteja atento à alguns sinais e tome atitudes como:

- Tratar o aluno com naturalidade;
- Fazer uso da linguagem direta, clara e objetiva, quando com ele falar;
- Deixá-lo próximo a sua mesa;
- Proporcionar atividades em grupos, promovendo a interação entre os alunos;
- Estimulá-lo e incentivá-lo, fazendo-o acreditar em si, a sentir-se forte, capaz e seguro;
- Sugerir-lhe dicas que facilitem a busca das respostas;
- Não pedir que o disléxico leia em voz alta;
- Permitir, sugerir e estimular o uso de gravador, máquina de calcular, recursos da informática, livros e etc.,
- Desenvolver atividades de leitura escrita com assimilação de palavras e imagem;
- Antes de apagar a lousa, verificar se o aluno terminou de copiar;
- Utilizar a musicalidade, para memorização;
- Ensinar a criança a sentir as letras, através de diferentes texturas de materiais;
- Estimular um tempo maior, para a criança responder uma prova;
- Relacionar os símbolos impressos aos sons e aos movimentos fonoarticulatórios;
- Valorizar outras habilidades do disléxico.

É importante ressaltar que a dislexia não é uma dificuldade que o aluno apresenta e que pode ser resolvida com atividades aleatórias, com trabalhos de leitura e escrita, precisam ser desenvolvidas atividades adequadas, que amenizem as dificuldades de aprendizagem percebida. O entendimento e a boa informação permitem ao professor desenvolver meios para contornar problemas no cotidiano escolar. Portanto, o conhecimento sobre a dislexia é necessário e fundamental para que o educador seja capaz de desenvolver atitudes compreensivas e tolerantes adotadas em sua prática pedagógica.

A legislação educacional (CF, LDB, ECA, dentre outras) não trata as diferentes necessidades especiais dos educadores de maneira clara e coerente, pois exige uma interpretação unívoca de todas elas. Nesse sentido, o educador e os familiares devem ser conhecedores dessas leis, para buscar subsídios que garantam as crianças com distúrbios de

aprendizagem o atendimento, pois há que se garantir “Direito à educação e à permanência independente de suas dificuldades de aprendizagem”(Maluf,p.21). Assim, não basta somente conhecer as leis é necessário compreender para que tenha capacidade de ter argumentos concretos respaldado na lei, buscar que esses direitos sejam realmente respeitados.

Já a Constituição Federal(1988) ao tratar a Educação Especial afirma de modo bastante genérico a necessidade da inclusão: “O dever do estado com a educação será efetivada mediante a garantia do atendimento a educação especializada aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. (artigo 207, 1988).

No artigo IV da LDB, a lei 9.394/96,, de Diretrizes e Bases da Educação, apresenta uma melhor explicação sobre os direitos e os apoio que devem ser oferecidos aos indivíduos com necessidades especiais seja física, visual, auditiva ou mental, mas é necessário ainda que sua afirmação seja interpretada e efetivada. “O dever do Estado com a Educação escolar pública está efetivo mediante a garantia de atendimento educacional especialmente gratuito aos educandos com necessidades especiais preferencialmente na rede regular de ensino.” (artigo IV, LDB, 1996). Essas são apenas algumas das leis, entre tantas outras que visam garantir e proteger os direitos de pessoas com necessidades especiais diante dos obstáculos que eventualmente poderão surgir em sala de aula.

Com base nas discussões apresentadas nesse capítulo, pode-se perceber a dimensão dialética da abordagem desse tema. A discussão apresentada abordou alguns dentre muitos teóricos que contribuíram para o entendimento e compreensão da dislexia presente em sala de aula. Entretanto, é imprescindível dizer que as discussões abordadas sobre a dislexia, estão cada vez mais fundamentadas em dados concretos, partindo das observações realizadas no ambiente escolar e familiar. Há que se considerar que esse trabalho buscou apenas iniciar e tratar brevemente da importância de conhecer melhor o distúrbio, principalmente em sala de aula. Levando em consideração as diversas definições que permeiam essa temática, percebe-se, no entanto, a necessidade constante de continuidade nesses estudos a fim de tornar a compreensão da dislexia algo comum para a sociedade em geral, e também para a escola.

CAPÍTULO III

OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA INVESTIGAÇÃO

"A "diversidade em nós capacidades que, em circunstâncias favoráveis teriam ficado adormecidas".

Horácio

Neste capítulo tratar-se-á dos resultados obtidos sobre o que os professores compreendem a respeito da dislexia. A pesquisa foi realizada com oito professoras que atuavam nas séries iniciais do Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, de uma escola da rede Municipal de ensino de Parnaíba-PI.

Todas as professoras investigadas possuem curso superior, onde cinco são formadas em Pedagogia, duas em Normal Superior e uma em Teologia. Estão atuando na docência entre 8 e 23 anos, portanto, possuem ampla experiência em sala de aula, abrindo assim espaço para uma discussão reflexiva a cerca de sua prática pedagógica. Por toda essa experiência em sala é possível admitir de antemão que essas professoras deveriam estar preparadas a enfrentar os desafios atuais, que permeiam o sucesso e o fracasso no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem de seus alunos.

Para melhor analisar e interpretar os dados obtidos, a investigação foi dividida em categorias aqui apresentadas: conhecimento e informação atual sobre a dislexia; reflexão sobre o interesse de aprofundar o conhecimento da dislexia; estratégias desenvolvidas na prática pedagógica para incluir alunos com necessidades especiais. Foram observadas e analisadas as concepções de acordo com explanação escrita dos colaboradores. No entanto, partindo da interpretação das categorias de análise desenvolvidas, percebe-se que as colaboradoras conhecem pouco à respeito da temática investigada, logo não a entendem de maneira aprofundada. Algumas professoras até mesmo desconhecem as causas e os sintomas do distúrbio, se atendem apenas a conceitos globais, deixam de perceber detalhes fundamentais a respeito da dislexia que poderia facilitar sua prática pedagógica.

3.1. Entendimento da dislexia

Os conceitos reais sobre as causas e as definições da dislexia passam por várias definições, mas é importante dizer que suas causas são biológicas e não sociais. Desse modo,

percebe-se o desconhecimento em especial de alguns professores sobre a importância de buscarem novos saberes, o que permite que o distúrbio passe despercebido no período escolar, ocasionando assim a permanência do problema. Isso pode trazer grandes riscos na aprendizagem ao disléxico não diagnosticado precocemente, pois “uma vez entendida a dislexia, os sintomas e tratamento passam a ter um sentido diferente”. (SHAYWITZ, 2006, p.20).

Atente-se para o quadro a seguir:

COLABORADORAS	ENTENDIMENTO SOBRE A DISLEXIA.
Professora A	Dificuldade na leitura e escrita troca de letras por outra.
Professora B	Entendo pouco, nem sei se meu entendimento são reais, vejo uma dificuldade de aprendizagem, leitura.
Professora C	É um distúrbio que de dificuldade de aprendizagem do indivíduo.
Professora D	É um problema sério que envolve a aprendizagem da escrita do indivíduo.
Professora E	Um distúrbio de aprendizagem
Professora F	O aluno que tem dificuldade de aprendizagem;
Professor G	Que é de certa forma uma espécie de deficiência que dificilmente se percebe de imediato;
Professor H	É um distúrbio de aprendizagem

Quadro 01: Entendimento sobre dislexia, das professoras investigadas.

Fonte: Dados do questionário.

Percebe-se nas respostas das colaboradoras acima que todas têm um conhecimento mínimo do distúrbio, no entanto, ainda há muito que ser conhecido por elas, pois todas se referem apenas brevemente ao sintoma que se evidencia na aprendizagem. Nesse ponto, a professora A, define de modo mais abrangente do que todas as outras. Já a professora B demonstra dúvidas a cerca de seu entendimento sobre dislexia, não tem certeza a respeito dele, o que revela uma deficiência na escola e na sua própria formação quanto a esse tema.

Assim, percebe-se que embora todas relacionem a dislexia à aprendizagem, que é um de seus sintomas, não demonstram ter um conceito claro e mais aprofundado do distúrbio, de modo a relacioná-lo a outros sintomas, ou explicitar mais minuciosamente de que modo a dislexia interfere na aprendizagem.

3.2 O interesse em conhecer e aprofundar mais sobre a dislexia

Sabe-se que a dislexia não é uma doença e os sintomas podem ser percebidos no período escolar, vendo nessa ótica pode-se enfatizar o papel importante e fundamental do professor, quanto a realização de um diagnóstico precoce, mas antes é importante lembrar, que o diagnóstico só poderá ser considerado quando for realizado por uma equipe multidisciplinar, contando com as avaliações de diferentes profissionais

Portanto com bases nas concepções explicitadas pelas colaboradoras, no que diz respeito ao interesse das mesmas, demonstram não somente querer adquirir conhecimentos, mas aprofundar esses conhecimentos, pois é preciso levar em consideração diferentes pontos de vista de pesquisadores que com o passar dos anos trouxeram importantes contribuições ao tema.

Se cursos fossem ministrados sobre esse distúrbio nas escolas, isso possibilitaria aos próprios educadores serem capazes de detectar sintomas ou possíveis sintomas da dislexia, ajudando todo o processo de diagnóstico e tratamento e melhorando a prática pedagógica dos professores. Assim sendo, a dificuldade de criar um consenso quanto à definição de dislexia, faz com que seja repassado um mundo diversificado de informações, que muitas vezes apenas confundem e desinformam alunos e professores.

Por tanto é importante ressaltar sobre o olhar do professor, pois este precisa estar bastante atento para possíveis alterações, que se não forem percebidas e corrigidas, dificultarão ou impedirão o acesso ao conhecimento sobre a dislexia. Mas far-se-á necessário que o interesse parta da curiosidade e interesse dos próprios educadores em ampliar seus conhecimentos pedagógicos ou até mesmo recorrer a novos conteúdos atuais sobre o assunto, no entanto cabe a este buscar, atividades diversificadas e técnicas de ensino e a partir de observações descobrir qual delas melhor se adapta a cada educando e a cada situação e assim amenizando algumas dificuldades percebidas no ambiente de sala de aula.

Quando indagadas sobre seu interesse em adquirir conhecimento mais aprofundado sobre o tema discutido, percebe-se, portanto que as colaboradoras apresentam as seguintes respostas:

CÓLABORADORAS	INTERESSE EM ADIQUIRIR E APROFUNDAR, CONHECIMENTOS SOBRE DISLEXIA
Professora A	Sim, para poder compreender e ajudar os alunos quando for necessário, para saber como trabalhar com alunos disléxicos;
Professora B	Sim, questão de conhecimento;
Professora C	Sim, é muito importante ter conhecimento sobre o assunto para poder ajudar quem tem o problema pelo menos procurar ajudar.
Professora D	Sim; porque podemos até ter alunos disléxicos e não conseguimos entender, pois falta um conhecimento mais profundo;
Professora E	Sim, é de suma importância para o profissional da educação, ter o conhecimento sobre os assuntos que estão presentes em sala de aula e assim poder ajudar de alguma forma.
Professora F	Sim, porque é fundamental está informado e quando tivermos um aluno com este problema teremos condições de ajudar
Professora G	Sim; porque pode acontecer de haver algum caso em minha sala;
Professora H	Sim; porque faz parte da profissão(educação) essa realidade;

Quadro 02: Interesse na aquisição de conhecimentos sobre dislexia

Fonte: Dados baseados nos questionários aplicados.

Duas das professoras investigadas, a Prof. A e D, foram bem objetivas quanto ao seu interesse em aprofundar seus conhecimentos, para que possam ajudar os alunos que apresentem possíveis sintomas do distúrbio, que saibam reconhecer um disléxico e assim buscar mecanismos que facilitem seu discente a ler e escrever. Nesse sentido, esses professores apresentam que não querem apenas informar-se, mas transformar a informação em conhecimento para a prática diária. Todos eles parecem ter consciência quanto a importância de conhecer o distúrbio, no entanto, nem a escola, nem mesmo os professores buscam essas informações que são indispensáveis ao processo educativo.

3.3 As maiores dificuldades encontradas no desempenho da prática docente, com alunos com necessidades especiais.

Como foi discutido no capítulo anterior, pode-se enfatizar a importância do educador conhecer as limitações e dificuldades apresentadas por seus alunos em sala de aula.

Percebe-se que há grande incidência de crianças com dificuldades nas salas de aula no ensino regular, por isso, se faz necessário adquirir tais conhecimentos principalmente quanto ao desenvolvimento de trabalho com crianças com necessidades especiais, como a dislexia que é o tema da pesquisa aqui apresentada.

COLABORADORAS	DIFICULDADES ENCONTRADAS QUANTO AO DESEMPENHO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ALUNOS COM DISLEXIA
Professora A	A Falta de estrutura e de materiais adequados a necessidades dos alunos;
Professora B	A socialização entre os alunos; O manuseio de alguns materiais pedagógicos;
Professora C	A estrutura, não temos meios de apoio, a teoria, pois só os conhecimentos do dia a dia não são suficientes;
Professora D	O maior problema é não ter a formação adequada para trabalhar com estes, muitas das vezes as estratégias utilizadas não funcionam com alunos especiais e também a falta de acompanhamento dos pais;
Professora E	A falta de acompanhamento por parte de uma equipe extra-classe que ajude no desenvolvimento desses educandos;
Professora F	Não posso responder, pois não tenho nenhum aluno que se enquadre nessa realidade, mas acredito que enfrente um problema que é a leitura e escrita pois alguns alunos sentem dificuldades.
Professora G	A falta de mecanismo que facilite a interação e o desempenho de atividades entre professor- aluno.
Professora H	O excesso de alunos na sala.

Quadro 03: As maiores dificuldades encontradas no desempenho da prática pedagógica docente, com alunos com necessidades especiais.

Fonte: Questionário.

É importante dizer que a dislexia tem origem genética e hereditária, de modo que o indivíduo nasce com o problema, mas somente é percebido no decorrer de seu desenvolvimento físico e cognitivo, já que os sintomas apresentam-se mais fortemente na pré-escola. De acordo com as respostas apresentadas, a professora A demonstra ter bastante dificuldade em trabalhar com pessoas com educação especial, já as professoras B e G preocupam-se com as possíveis dificuldades de aprendizagens apresentadas por seus alunos como a falta de interação entre os discentes e o professor. Elas apontam que a ausência de uma interação adequada talvez seja fruto do uso e do manuseio incorretos de materiais pedagógicos, que poderiam facilitar o processo de assimilação dos mecanismos da leitura e escrita. Todas se referem à necessidade de pais e escola também fornecerem subsídios,

psicológicos e pedagógicos, para a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Elas admitem que a escola e os professores ainda não estão preparados para receber essas crianças de modo adequado, o que leva a crescente dificuldade da relação ensino-aprendizagem e da interação professor-aluno.

3.4 Professores que tiveram experiência com crianças com possíveis sintomas de dislexia

Entre os oito questionários analisados, três responderam que já tiveram experiência com crianças que, de acordo com os seus próprios conhecimentos, apresentam dislexia. No entanto, vale ressaltar que pelo fato de algumas crianças apresentarem certos sintomas que são característicos da dislexia, o professor não pode atribuir o distúrbio aos seus alunos, sem antes comprovar por meio de um diagnóstico realizado por uma equipe multidisciplinar. Desse modo, faz-se necessário ainda mais que o professor conheça aprofundadamente o que é dislexia de modo a evitar rotular erroneamente o seu aluno como dislético.

Já boa parte das professoras disseram que não tiveram experiência com crianças disléxicas, mas é preciso considerar também os casos em que o professor não percebe a presença de tal distúrbio em sala, atribuindo algumas dificuldades de seus alunos a outros problemas sociais, pessoais e familiares e não a problemas genéticos e neurológicos como a dislexia.



Gráfico 1: Dados do questionário.

Assim, é possível considerar as informações apresentadas no gráfico acima que

relata que 70% dos professores não tiveram nenhuma experiência com alunos disléxicos, no entanto, como o distúrbio é pouco conhecido, talvez, mesmo se houvesse algum aluno disléxico em sala, possivelmente ele não seria diagnosticado como tal, prejudicando seu tratamento e desenvolvimento da aprendizagem. O que corrobora ainda mais para justificar a necessidade e importância desta pesquisa, que serve como forma de divulgar o conhecimento sobre o distúrbio a fim de minimizar os danos causados a educação.

Portanto, este trabalho teve como objetivo, através da análise e interpretação dos dados coletados, buscarem mecanismos teóricos e práticos para auxiliar a formação de educadores para o conhecimento da dislexia. Diante do exposto, a presente pesquisa espera ter contribuído para um processo de reflexão sobre a aprendizagem, no que concerne justificar a importância de debater a questão da dislexia, sobretudo no ambiente escolar, servindo assim de incentivo para posteriores estudos sobre esta temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referente trabalho é resultado de uma investigação sobre a compreensão dos professores sobre a dislexia, que teve como campo de estudo somente uma escola da rede municipal da cidade de Parnaíba/Piauí, que contempla o Ensino Fundamental Menor, de 1º ao 5º ano, uma vez que teve como colaboradoras as docente da referida escola. Para isso a investigação abordou aspectos quantitativos e qualitativos, os dados foram coletados por meio de questionário com perguntas elaboradas de acordo com a temática investigada, as educadoras ficaram livres, portanto, para elaboração de suas respostas. De acordo com a análise dos dados, foi possível constatar o pouco entendimento a respeito da temática questionada.

Assim, o trabalho também buscou fundamentos teóricos que embasassem toda a pesquisa de campo, o que foi de fundamental importância, como os textos e estudos de neurologistas, psicólogos e educadores que foram abordados e discutidos ao longo dos capítulos.

Sabe-se que hoje o campo do conhecimento é bastante amplo e dinâmico, portanto a busca de novas informações é uma necessidade contínua na prática de qualquer profissional, em especial o professor, pois ele lida diariamente com a construção e solidificação de conhecimentos. O professor quando bem informado e atento às mudanças apresentadas no ambiente da sala de aula, consegue esclarecer dúvidas e questionamentos que envolvam o problema percebido, deste modo, saberá lidar com qualquer tipo de distúrbio, até mesmo a dislexia.

A dislexia é problema comum na sociedade, e pensando nisso percebe-se que cada vez, surgem novos acervos bibliográficos que objetivam estreitar a relação entre teoria e prática, ampliando o conhecimento sobre o distúrbio e proporcionando ações adequadas e eficazes para aqueles que lidam direta ou indiretamente com disléxicos. Este trabalho cumpre seu papel de divulgar um pouco mais informações a respeito da dislexia, no entanto ainda há muito a ser feito. A pesquisa revela que a maioria das professoras sabem apenas considerações superficiais sobre esses distúrbio, é preciso, portanto, aprofundar esses conhecimentos, incentivar a criação de cursos na escola sobre os diversos distúrbios que afetam a aprendizagem; formar equipes multidisciplinares que acompanhem periodicamente alunos com problemas; conscientizar professores, familiares e a sociedade como um todo sobre o que são esses distúrbios e o que fazer para amenizar os seus danos, só assim a escola

estará realizando efetivamente o seu papel cidadão.

Neste sentido, este trabalho espera ser interpretado como uma provocação aos professores compromissados com sua profissão para que se conscientizem da sua verdadeira tarefa como educadores e tornem-se capazes de fazer as interferências necessárias para ajudar o seu aluno.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON Dee. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. 2. ed.trad. Magna França Lopes. Porto Alegre: Artmed. 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas**. 6. ed. São Paulo:Cortez, 2003.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesus (colaboradores). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed 2004.

CORIGLIANO, Débora. Falando sobre dislexia. In: **Direcional Educador**. 46 ed. Brasília, 20-21, Nov. 2008.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem**. Edição Mmix. S/d

HOUT, Anne Van; ESTIENNE Françoise. **Dislexia: descrição avaliação, explicação e tratamento**; trad.Claúdia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

JOSÉ, Elisabete da Assunção. COELHO, Maria Tereza. **Problema de Aprendizagem**. 12 ed. Curitiba: Ática, 2001.

LOPES, Áurea. Será que seu aluno é Dislético. In: **Nova Escola**, São Paulo, ano XX, nº 188, p. 60-62,2003.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MABEL, Condemam. **Dislexia Manual de leitura corretiva**. S/Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MALUF, Maria Irene. Um pouco de mais de dislexia. In: **Direcional Educador**. 47 ed. Brasília,p. 14 – 15, mar. 2009.

_____. Maria Irene. A escola, a família e a dislexia. In: **Direcional Educador**. 50. Ed. Brasília, p.12-22, mar, 2009.

MESSEDER, Hamurabi. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n ° 9.394/1996**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SHAYWITZ, Sally. **Entendo a dislexia: um novo e complete programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SNOWLING, Margaret; STACKHOUSE Joy [et al.]; **Dislexia, fala e linguagem: um manual do Profissional**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÉNDICE

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA



Caro colega,

Estou realizando uma pesquisa intitulada: DISLEXIA: Um desafio na prática educacional, referente ao TCC do curso de pedagogia da UESPI. O objetivo principal é coletar dados, sobre a compreensão dos educadores que atuam em salas de aula no período regular, no Ensino Fundamental Menor, na rede pública de ensino na cidade de Parnaíba.

Agradeço a colaboração de todos os respondentes, colocando à disposição para qualquer esclarecimento que se façam necessário.

Atenciosamente,

Maria Elizangela dos Santos Lima

QUESTIONÁRIO

1. Aspecto geral:

a) Qual a sua formação acadêmica?

b) Especialista em _____

c) Tempo na docência _____

2. Você já ouviu falar em dislexia? Em que local essa discussão foi proporcionada?

3. O que você entende sobre a dislexia?

4. Como base em que experiência, passou a compreender o tema dessa forma?

5. Você já vivenciou alguma experiência com aluno disléxico?

sim

não

Em caso positivo

descreva. _____

6. Você tem interesse em conhecer e aprofundar mais sobre o tema: DISLEXIA? Por quê?

7. Quais as maiores dificuldades que você encontra no desempenho de sua prática pedagógica,

com alunos com necessidades especiais?



